

No primeiro sermão em cinco anos, Ali Khamenei defende o bombardeio iraniano ao Estado judeu como "correto e lógico". Guia supremo do Irã elogia massacre de 7 de outubro e diz que resistência islâmica não recuará. EUA atacam alvos no Iêmen

Israel não "vai durar muito", avisa aiatolá



Mohammed Huwais/AFP



Fumaça sobe após explosões contra alvos em Sanaa: EUA entram no conflito

Fadel Itani/AFP



O premiê interino do Líbano, Najib Mikati (D), com o chanceler do Irã, Abbas Araghchi

Khamenei.ir/AFP



Aiatolá Ali Khamenei profere sermão em Teerã: "A resistência na região não retrocederá diante desses mártires e vencerá"

Hezbollah

O líder supremo iraniano afirmou que os aliados do regime teocrático islâmico — o Hamas e o movimento xiita Hezbollah — não capitularão ante os ataques israelenses. "A resistência na região não retrocederá diante desses mártires e vencerá", declarou, em alusão aos assassinatos do xeque Hassan Nasrallah, líder do Hezbollah, morto em 27 de setembro em um bombardeio

israelense perto de Beirute, e de Ismail Haniyeh, chefe do Hamas, em um ataque atribuído a Israel em 31 de julho em Teerã. Ele declarou que, tanto o Hamas, quanto o Hezbollah, fornecem "serviços vitais para toda a região e para o mundo islâmico inteiro".

A última vez em que o aiatolá liderou as orações de sexta-feira foi em janeiro de 2020, depois que o Irã disparou mísseis contra uma base dos EUA no Iraque, em retaliação ao ataque que

matou o general Qassem Soleimani, comandante da Guarda Revolucionária.

Enquanto Khamenei proferia o incomum sermão, os governos israelense e norte-americano mantinham discussões sobre a retaliação ao bombardeio iraniano da última terça-feira. Um dia depois de declarar apoio a um ataque às instalações de petróleo do Irã, o presidente dos EUA, Joe Biden, recuou e disse que Israel deveria considerar "alternativas" a esses alvos. "Se

eu estivesse no lugar deles (israelenses), estaria pensando em outras alternativas além de atacar campos de petróleo", comentou. "A coisa mais importante que podemos fazer é tentar mobilizar o resto do mundo e nossos aliados (para um cessar-fogo). Mas quando há grupos (pró-iranianos) tão irracionais como o Hezbollah e os huthis (do Iêmen) é difícil", acrescentou.

Visita a Beirute

Por sua vez, o ministro das Relações Exteriores do Irã, Abbas Araghchi, desembarcou em Beirute e afirmou que Teerã "apoia os esforços" destinados a alcançar um cessar-fogo simultâneo com Israel no Líbano e na Faixa de Gaza. "Apoiamos os esforços para um cessar-fogo, na condição de que, em primeiro lugar, os direitos do povo libanês sejam respeitados e que seja aceito pela resistência", disse Abbas Araghchi em coletiva de imprensa, referindo-se ao movimento Hezbollah. Desde 23 de setembro, quando começaram os bombardeios ao Líbano, pelo menos 2 mil pessoas morreram. Com uma média de 181 mortos por dia, a campanha aérea de Israel é a mais intensa, fora da Faixa de Gaza, em décadas.

O ministro da Informação do Líbano, Ziad Makary, fez um alerta durante cúpula de países francófonos, em Villers-Cotterêts (França): "Tememos que o Líbano seja uma nova Faixa de Gaza". "Acreditamos que ainda haja um pouco de esperança do lado diplomático, porque o Líbano é bombardeado a cada dia, a cada noite, durante 24 horas."

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Operação urgente em campo de guerra

Com o país de olho nas eleições municipais de amanhã, Planalto, Itamaraty e a Defesa dividem suas atenções com a retirada de brasileiros do Líbano. Os últimos dias confirmaram as expectativas quanto a um punhado de dificuldades que se interpõem, agora que o país está imerso na guerra de Israel contra o movimento xiita Hezbollah.

Ainda ontem, um avião da FAB aguardava em Lisboa a ordem de decolar para Beirute — ou um destino alternativo — para o primeiro voo de repatriação. São pouco mais de 200 vagas para os 3 mil cidadãos que manifestaram o desejo de partir. Ao todo, são mais de 20 mil brasileiros radicados no Líbano, principalmente na capital e no Vale do Bekaa.

A cada dia que passa, multiplicam-se os alvos de ataques aéreos israelenses — inclui nas proximidades do aeroporto, vizinho aos subúrbios xiitas no sul de Beirute, reduto histórico do Hezbollah. No

Bekaa, berço do grupo pró-Irã, aumenta o êxodo dos civis, assim como na fronteira sul, onde se travam combates em terra.

Janelas estreitas

Aos desafios de segurança se sobrepõe o senso de urgência. Desde o início de setembro, quando o premiê Benjamin Netanyahu decidiu engajar suas forças contra o Hezbollah, o cenário do Líbano se assemelha a uma versão ampliada da Faixa de Gaza — onde a guerra contra o movimento palestino Hamas completa um ano na segunda-feira.

A evolução do conflito em Gaza indica que tendem a ser cada vez mais apertadas as janelas para remover com segurança os cidadãos que peçam repatriação do Líbano. Nas áreas de combate direto, moradores de dezenas de vilarejos recebem de Israel a ordem de se retirarem. O mesmo foi feito em setores da capital e no Bekaa, antecedendo bombardeios.

Diante da certeza de que serão necessários muitos voos para atender à demanda, coloca-se para os planejadores e executores da operação a tarefa adicional de abrigar os brasileiros em segurança durante o trânsito. A situação não se compara ao caos em Gaza, mas Beirute já acusa os sinais clássicos do inchaço resultante da chegada em massa de refugiados.

As preocupações se estendem à principal rota alternativa para a saída do Líbano. A estrada Beirute-Damasco foi interrompida por um bombardeio, que abriu uma cratera do lado libanês da fronteira. Em tempos "normais", o percurso de 100km entre as duas capitais é feito regularmente até mesmo de táxi. É por lá que terão de passar comboios com os repatriados, caso não seja possível decolar de Beirute.

Com os russos e mais

Além da capital, a Síria oferece como

opções bases aéreas cedidas para uso da Rússia. O Brasil mantém relações fluidas com ambos os governos, mas nem por isso a operação fica isenta de riscos. Além dos alvos em território libanês, a aviação israelense tem atacado pontualmente milícias pró-iranianas que operam na Síria desde a guerra civil iniciada em 2011.

Um dos bombardeios atingiu as proximidades de uma das instalações contempladas nos planos de Itamaraty. Parafraseando Mané Garrincha, vai ser necessário combinar a jogada com alguém mais que os russos.

Caleidoscópio

Esse último aspecto da delicada operação de resgate dos brasileiros ilustra um ingrediente do conflito que frequenta cada vez mais o noticiário. O ano transcorrido desde o ataque do Hamas a Israel, em 7 de outubro — com saldo de mais de 1.200 mortos e ainda cerca de uma centena de reféns em poder do movimento palestino —, viu aumentarem as partes envolvidas, em maior ou

menor grau.

Desde o esfacelamento do Império Otomano, derrotado na Primeira Guerra Mundial (1914-18), o Oriente Médio tornou-se palco de múltiplos interesses em disputa, inclusive (ou principalmente) de potências extrarregionais. Hoje, Israel tem apoio ativo dos EUA e seu bloco geopolítico para confrontar o chamado "eixo da resistência", capitaneado pelo Irã. Pela primeira vez desde a revolução de 1979, o regime islâmico trocou ataques abertos e diretos com o arqui-inimigo.

O Líbano, por sinal, concentra em seu território limitado uma das características marcantes da região. Na guerra civil de 1975-90, Estado e sociedade foram dilacerados entre facções étnico-religiosas, com a interferência direta de forças externas. Ao longo dos 15 anos de conflito, alianças se fizeram e desfizeram, e a imagem clássica do mosaico assumiu a forma de caleidoscópio — aquele dispositivo engenhoso em que movimentos mínimos mudam completamente a imagem para o observador.